



O REGISTRO PEDAGÓGICO E O NARRAR DA HISTÓRIA DOCENTE

Warlen Fernandes Soares¹

Katheryne Calapriste Vicentin²

Fabiana de Souza Senci³

INTRODUÇÃO

“Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”.
(Walter Benjamim, 1994)

O registro pedagógico comporta para além da organização do trabalho docente, as memórias. Através dos registros revisitamos as nossas práticas que são impactadas por avanços e recuos. Partimos da premissa de que a memória nutre a história.

Discutir a valorização do professor está para além do plano de cargos e salários, embora seja esta a sobrevivência da categoria. Faz necessário olhar para o professor como indivíduo: saúde mental, física e emocional.

O presente artigo, traz a narrativa das autoras, revisitando as suas memórias e aborda as suas ações neste momento, de volta presencial às salas de aulas. Investimos em resgatar os nossos registros de aula e de reuniões comuns para aprofundamento de nossos olhares sobre a valorização do trabalho docente.

Entendemos a relevância deste tipo de investigação como contribuição à articulação da teoria com a prática, do social com o individual como importante constructo para a prática pedagógica individual e coletiva. O nosso referencial teórico é embasado em Prado *et. alli* (2011), por tratar as narrativas pedagógicas como uma forma de oportunizar a práxis pedagógica. A narrativa

¹ Mestre em Educação na área de Formação Docente. Professora SME Campinas-SP (EMEFEI/EJA RAUL PILA). E-mail: warlen.soares@educa.campinas.sp.gov.br

² Professora de Língua Inglesa SME Campinas – SP (EMEFEI/EJA RAUL PILA). E-mail: katheryne.calapristi@educa.campinas.sp.gov.br

³ Especialista em Psicopedagogia. Professora SME Campinas (EMEFEI/EJA RAUL PILA). E-mail: fabiana.souza@educa.campinas.sp.gov.br



como registro da identidade docente respalda-se também em Larrosa (2000, p.129) ao enfatizar que: “Podemos considerar narrativa pedagógica todo relato que se deixa ler que inclui a possibilidade de que se derive um ensinamento de sua leitura”.

A nossa metodologia, parte de uma abordagem qualitativa, que utilizou além das experiências, o resgate dos diversos registros oriundos de nossas práticas como professoras da rede municipal de Campinas-SP, no contexto de uma escola de Educação Integral, obtido em registros de aulas, tempos pedagógicos coletivos, entre pares e dentre outros. Relembrar o coletivo é transitar por sentimentos, emoções e resgate da identidade docente em variados momentos. O atual momento educacional pauta-se por uma reorganização curricular, por inovações tecnológicas em sala de aula, por novos objetivos e por relações interpessoais atravessadas de novas aprendizagens sociais.

A Educação se faz pelo campo das narrativas. Logo, ao refletirmos a Educação, percebemos que muitas histórias de vida fazem interface com prática docente. Buscamos assim, defender a educação como uma resposta aos desafios de nosso tempo. Num ponto de interseção entre teoria e prática, habita a nossa memória, registrada individual e coletivamente, construindo histórias.

O dicionário *on-line* da língua portuguesa define o ato de registrar como sendo a ação de declarar algo por escrito, mencionar, assinalar, tomar nota de guardar na memória para lembrar.

Mediante a isto, nos debruçamos sobre o registro como forma de memória, pois a humanidade registra desde a pré-história e isto nos ajuda a percorrer caminhos de nossa trajetória.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

Em decorrência da pandemia de Covid-19, que nos afetou em diferentes áreas da vida, a escola e os docentes reorientaram as suas práticas desde o momento de suspensão presencial das aulas, no início do ano de 2020. Entretanto, sob o ponto de vista de valorização do professor por políticas



públicas de valorização ainda não despontou. Passamos por diversos desafios e estes, não nos intimidaram. Ao contrário, nunca trabalhamos tanto!

Das aulas remotas, ao retorno presencial, os nossos registros nos resgatam:

O acolhimento dos alunos através de atividades de aproximação juntamente com as famílias. Inicialmente foram realizados contatos por telefone; criação de grupos nas redes sociais; cadastramento de e-mails; dentre outros.

Outro importante ponto de partida para o retorno presencial foi a avaliação diagnóstica inicial, que contemplou os aspectos cognitivos, emocionais e sociais dos alunos. Através desta, iniciou-se o nosso planejamento para que cada aluno pudesse ser atendido em sua necessidade e integralidade.

Para que então, um trabalho sistematizado pudesse contribuir para o avanço nas hipóteses de escrita dos alunos das séries iniciais e contemplar a demanda dos alunos das séries subsequentes. Professores e equipe gestora, reorganizaram o trabalho coletivo docente de modo que a sistematização de nossas ações reordenasse as ações para o retorno presencial seguro. Neste aspecto, todos os protocolos sanitários adotados pela escola estavam alinhados às orientações da área de saúde.

O contexto educacional oriundo destas novas práticas, não se protege na neutralidade. Ao contrário, há uma teia de valores, saberes, conquistas, experiências e tensões que configuram o "ser professor".

A escola mudou e o olhar do professor também. Trata-se de um olhar no passado, no presente e uma projeção de futuro. Nesse contexto, o nosso campo de trabalho é revestido de intencionalidade. Acordamos e dormimos embalados pelo professor que nos habita. É vida que se faz professor e professor que se faz vida!

A vida toda se mistura com a condição de professor (a). É um modo de vida, de dever-se que tenciona todas as dimensões, tempos e vivências. E todas as lembranças (...) "Eu sou muitas" (...). Nossa docência é mais do que docência, porque a escola é mais do que escola, os conteúdos educativos são mais do que as matérias. Eles, a escola e nossa docência, existem em uma cultura, em uns significados sociais e culturais, em uma trama de interesses, de valores e lógicas. Essa trama é materializada no



cotidiano escolar. É aprendida pelas crianças, adolescentes e jovens nas longas horas de vivência do cotidiano escolar.
(ARROYO, 2000, p. 186).

Torna-se cada vez mais necessário o resgate da memória docente, num constructo de relações que favoreça o exercício da tomada de consciência crítica sobre o nosso papel. Embora as políticas públicas de valorização do professor perpassem por diversos caminhos, somos impactados diuturnamente pelo verbo clássico do grande mestre Paulo Freire: 'Esperançar'! E no resgate de sua memória eternizada, Freire ainda nos deixa o legado:

(...) discutir onde pode, como pode, com quem pode, quando pode; é reconhecer que seu trabalho não é individual, é social e se dá na prática social em que faz parte. É reconhecer que a educação não sendo a chave, a alavanca da transformação social (...), e porém, indispensável à transformação social. (FREIRE, 2001, p.98).

CONSIDERAÇÕES

Retomamos a epígrafe deste texto, na qual o filósofo Walter Benjamin (1994), incide luz ao ato de narrar, ou seja, contar o vivido. Narramos as alegrias e mazelas de um contexto social complexo, no qual a escola se insere. A valorização do professor tange é o grande passo para o ensino de qualidade. Professores e gestores agregaram forças para que a escola continuasse ativa e atendendo às demandas durante o período de 2020 e 2021. No período de maior cautela no que se refere à Pandemia, as escolas acolheram novas propostas, aderiram às tecnologias e a Educação nunca deixou de acontecer.

Recuperar os nossos registros foi antes de tudo um exercício de cidadania para que nossas vozes, juntas com outras, tornem-se uníssonas e cooptem forças para a reflexão da qualidade e valorização do trabalho docente.

A nossa docência passa pelo aluno que fomos, pelas escolas que passamos, pelos mestres que tivemos. Entrar neste espaço, permitiu-nos uma inquietação, de quem vive a docência na educação básica.

Tratar as informações contidas neste texto, nos aproximou de um senso de pertencimento e de um contingente de pessoas cujo as identidades



convergem para a construção do trabalho coletivo construído no tempo em que as demandas despontaram.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **O ofício do Mestre**: imagens e autoimagens. Petrópolis. RJ: Vozes, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FREIRE, Paulo. Direitos Humanos e Educação Libertadora. In: **Pedagogia dos sonhos possíveis**. SP: Editora UNESP, 2001.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 3 ed. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PRADO, Guilherme. Et. All. **Narrativas pedagógicas e memórias de formação**: Escrita dos profissionais da Educação. Revista Telas, v. 12. N.26. 143-153. Set./dez. 2011 – Jovens, territórios e práticas educativas.